

CPI - Orçamento

Futuro imprevisível

CORREIO BRAZILIENSE

Tarcísio Holanda

23 NOV 1993

Uma nuvem espessa, algo como um fog londrino, obscurece o futuro político do País, desde a instalação da CPI destinada a investigar os escândalos da Comissão Mista de Orçamento do Congresso. Virou lugar comum afirmar, com propriedade, que nesse gênero de processo costuma-se conhecer o início, nunca o seu desfecho. O Brasil foi envolvido pela ânsia investigatória, de tal modo, que já está em vias de instalação uma CPI para investigar a CUT, o braço sindical do PT, enquanto Lula, em represália, prega o mesmo tipo de inquérito para investigar a Fiesp e a Confederação Nacional da Indústria.

Neste clima pouco ameno, a revisão constitucional, ora em pleno curso, ainda é uma grande incógnita, uma vez que o Governo decidiu assumir a postura de expectador em face de evento de tanta importância. Felizmente alertado pelo líder do Governo no Senado, Pedro Simon, o presidente Itamar Franco tratou da reforma ministerial, que pretende antecipar para o dia 6 de janeiro, ou seja, a 24 horas do prazo fatal para a filiação partidária. Com isso, Itamar terá melhores condições de identificar quem é quem e de procurar aliados para ajudá-lo a concluir o mandato, até 1º de janeiro de 1995.

A esta altura, ninguém pode prever com quem o Presidente embarcará para concluir um mandato imprevisível. Itamar ficará com o senador José Sarney e seus amigos do PFL ou os trocará pelo governador Antônio Carlos Magalhães. O PMDB que fica com o Governo é o de Pedro Simon, Odacir Klein e Tarcísio Delgado, que não representam evidentemente os conservadores do partido. Ao reformar o primeiro escalão governamental, Itamar dará o pontapé inicial de um jogo que começa a delinear o panorama sucessório.

Os que ficarem no Governo com ele estarão juntos na sucessão; os excluídos participarão de outros esquemas políticos com vistas à luta pela conquista do poder.

Ainda é incerto o futuro do PMDB. Há muito tempo, todas as forças políticas, especialmente as que se situam mais ao centro, esperavam a evolução da disputa interna no partido, para saber qual o grau de influência que poderia ter na sucessão presidencial. A CPI do Orçamento agravou a crise interna no maior partido do País, na medida em que ceifou algumas de suas lideranças mais importantes. Ao mesmo tempo, a onda de moralidade que varre o Congresso e o Brasil não deixa ao ex-governador Orestes Quércia e a seus amigos outra alternativa senão submergir. Fingir-se de morto ainda é o melhor caminho para quem ainda não conseguiu se desvencilhar do manto de suspeição que o encobre.

A grande maioria fica no partido porque já é muito tarde para qualquer mudança quando a eleição está tão próxima e os prazos fatais rondam todos os candidatos. Porém, o PMDB não se livrará de uma dissidência interna a partir do momento em que tiver de fazer a sua opção na disputa sucessória. Se é óbvio que as chamadas lideranças históricas, como o senador Pedro Simon e o prefeito de Recife, Jarbas Vasconcelos, assumiram posição de influência no partido, com a marginalização de Quércia, este não desapareceu e ainda tem fortes aliados, como o senador José Sarney e os governadores Iris Rezende, de Goiás, Jáder Barbalho, do Pará, e Gilberto Mestrinho, do Amazonas.

Fora Lula e o PT, o PMDB e os demais partidos esperam que a CPI do Orçamento conclua seu trabalho para que algum raio de sol abra a espessa neblina que compromete a visão do futuro político do País. Por hora, todos ainda estão enredados no fog.